

#cm

2

SEGUNDA-FEIRA

Fernanda Torres chega aos 60 e ganha retrospectiva

PÁGINA 5



Gorillaz aciona modo globetrotter em single

PÁGINA 6



Cisco Diz, uma grife do storyboard, lança HQ

PÁGINA 7



12 peças para não se perder

I Festival de Teatro do Rio de Janeiro reúne no Teatros Riachuelo uma seleção de grandes espetáculos de nossa dramaturgia contemporânea

Por Affonso Nunes

O público carioca tem a oportunidade de rever 12 espetáculos que marcaram presença na cena teatral recente durante a primeira edição do Festival de Teatro do Rio de Janeiro, a ser realizado entre os dias 7 de outubro e 2 de novembro com apresentações no Teatro Riachuelo Rio e ações formativas (aulas, debates e painéis) no Teatro Adolpho Bloch.

A programação tem a curadoria de Maria Siman, produtora e Diretora de Conteúdo da Aventura, e traz uma seleção criteriosa que privilegia a diversidade de linguagens e a relevância artística. O processo curatorial buscou reunir montagens que não apenas conquistaram público e crítica, mas que também representam diferentes vertentes do teatro brasileiro contemporâneo, de dramas intimistas a comédias provocativas. **Continua nas páginas seguintes**

Débora Falabella em cena do monólogo no 'Prima Facie', que volta aos palcos cariocas no I Festival de Teatro

Lina Sumizono/Divulgação

Ao Vivo [dentro da
cabeça de alguém]

Divulgação



Cenas da Menopausa

Uma celebração da cena teatral

“É um Festival que celebra o teatro e o público de teatro, trazendo de volta espetáculos de sucesso e também promovendo encontros e ações que miram na formação de plateia para as próximas gerações”, afirma Anieli Jordan, diretora artística da Aventura e do Festival.

Entre os destaques da programação do I Festival de Teatro estão “Prima Facie”, protagonizado por Débora Falabella sob direção de Yara de Novaes. É um monólogo visceral

que aborda questões de gênero e justiça através da trajetória de uma advogada confrontada com dilemas pessoais e profissionais. “Macacos”, com Clayton Nascimento, é um solo potente que discute questões raciais e identidade, utilizando uma narrativa provocativa para refletir sobre o racismo estrutural. Ambos os espetáculos já registram ingressos esgotados.

A veterana Renata Sorrah abre o festival nos dias 7 e 8 de outubro com “Ao Vivo

[dentro da cabeça de alguém]”, ao lado da Cia Brasileira, sob direção de Marcio Abreu, uma experiência sensorial que convida o público a adentrar os pensamentos de uma personagem em crise.

O festival também será palco da estreia carioca de “Cenas da Menopausa”, novo espetáculo de Claudia Raia e Jarbas Homem de Mello, que chega ao Rio após grande sucesso em São Paulo. A comédia musical aborda com leveza e humor os desafios e

transformações vivenciados por mulheres na menopausa, ficando em cartaz de 16 a 19 de outubro.

A versatilidade da programação se revela em montagens como ‘O Céu da Língua’, em que Gregório Duvivier explora as nuances da linguagem e comunicação através de seu humor característico, e “Ficções”, com Vera Holtz sob direção de Rodrigo Portella, uma adaptação de contos que explora a complexidade das relações humanas, destacando a ver-

Annelize Tozetto/Divulgação



O Céu da Língua

Divulgação



Macacos



Divulgação

Brás Cubas



Guga Melgar/Divulgação

Ficções



Beti Niemeyer/Divulgação

Não Me Entrego Não



Daniel Barboza/Divulgação

Parem de Falar Mal da Rotina

satilidade da atriz em diferentes papéis.

O veterano Othon Bastos apresenta “Não me Entrego, Não!”, um monólogo que revisita momentos históricos do Brasil, trazendo reflexões sobre resistência e identidade nacional. Já Rafaela Azevedo, em “King Kong Fran”, mistura teatro e performance para discutir questões de gênero e empoderamento feminino, utilizando o humor como ferramenta de provocação.

A programação contempla ainda “Tom

na Fazenda”, com Armando Babaioff e Denise Del Vecchio, também dirigido por Rodrigo Portella, que aborda temas como homofobia e aceitação através da história de um publicitário que retorna à fazenda da família após a morte do companheiro.

Completam a seleção “O Figurante”, com Mateus Solano, uma comédia sobre as desventuras de um ator em busca de reconhecimento, “Brás Cubas”, da Armazém Companhia de Teatro, adaptação contemporânea do

clássico machadiano, e “Parem de Falar Mal da Rotina”, com Elisa Lucinda, monólogo que completa 25 anos celebrando a poesia do cotidiano.

Em complementando a programação nos palcos, o festival promove entre 14 e 27 de outubro, no Teatro Adolpho Bloch, o projeto Palco 360°, que levará ações formativas gratuitas ao Teatro Adolpho Bloch, incluindo debates, painéis e um curso sobre a obra de Nelson Rodrigues.

SERVIÇO

- I FESTIVAL DE TEATRO DO RIO DE JANEIRO
- Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio, 38 - Lapa)
- 7 e 8/10 (terça e quarta):** ‘Ao Vivo [dentro da cabeça de alguém]’ - Com Renata Sorrah e a Cia Brasileira. Direção: Marcio Abreu.
- 9/10 (quinta):** ‘O Figurante’ - Com Mateus Solano
- 10/10 (sexta):** ‘Parem de Falar Mal da Rotina’ - Com Elisa Lucinda
- 11/10 (sábado):** ‘Macacos’, com Clayton Nascimento
- 12/10 (domingo):** ‘Não me Entrego, Não’, com Othon Bastos
- 14/10 (terça):** ‘Brás Cubas’, com a Armazém Companhia de Teatro
- 16 a 19/10 (quinta a domingo):** ‘Cenas da Menopausa’, Com Claudia Raia e Jarbas Homem de Mello
- 21 e 22/10 (terça e quarta):** ‘Ficções’, com Vera Holtz, direção de Rodrigo Portella
- 23/10 (quinta):** ‘Tom na Fazenda’, com Armando Babaioff e Denise Del Vecchio, direção de Rodrigo Portella
- 24 a 26/10 (sexta a domingo):** ‘O Céu da Língua’, com Gregorio Duvivier
- 29 de outubro (quarta):** - ‘King Kong Fran’
- 31/10 a 2/11 (sexta a domingo):** - ‘Prima Facie’, com Débora Falabella e direção de Yara de Novaes
- Ingressos entre R\$ 50 a R\$ 200

Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória)

12/10, às 14h - Painel: A construção de um sucesso

13/10, às 19h - Painel: Para onde vamos? – com produtores idealizadores e artistas produtores

27/10, às 19h: Painel Encontro de Companhias (ho Bloch)

Curso O Teatro de Nelson Rodrigues, com Pedro Henrique Müller

14/10: Aula 1: “Vomitando-nos a nós mesmos” - Uma introdução à obra de Nelson Rodrigues

15/10: Aula 2: “O Mar levará tudo: a casa, os retratos e os espelhos” - O naufrágio da família em Senhora dos Afogados | O eu fragmentado em Valsa Nº 6

21/10: Aula 3: O dedo na goela | A náusea em Dorotéia | A morte linda em A Falecida

22/10: Aula 4: O punhal de prata num olho que chora: O Trágico Moderno | A Morte do Pai em Os Sete Gatinhos | O sagrado e o profano em Boca de Ouro | O afeto-crime em O Beijo no Asfalto

Das 19h às 22h

Cursos gratuitos com inscrições no site oficial do Festival



Philot Studio

Tom na Fazenda



Divulgação

King Kong Fran



Dalton Valério/Divulgação

O Figurante

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Estimativas históricas de instituições como a Unifrance e de veículos de mídia como a revista “Cahiers du Cinéma” apontam que “Acossado” (“À Bout De Souffle”) teve um custo estimado em 400 mil francos (o equivalente a US\$ 80 mil) e vendeu 2.295.912 ingressos só na França, a partir de 16 de março de 1960. O Urso de Prata de Melhor Direção dado a Jean-Luc Godard (1930-2022) foi um chamariz de público. O que esses números não revelam sobre a aula de semiótica godardiana agendada para ser exibida na noite desta segunda (15), às 21h, pelo Estação NET Botafogo, é o impacto que essa picardia estilística teve sobre o cinema, redefinindo as bases da edição de filmes (a partir da montagem de Cécile Decugis) e as formas de usar a linguagem audiovisual como instrumento revolucionário.

A inclusão do longa-metragem na retrospectiva que o Grupo Estação dedica ao cineasta François Truffaut (1932-1984) se articula com a participação dele no argumento rodado por Godard. Essa rodagem - caótica - é tema de um dos exercícios autorais mais badalados de 2025: “Nouvelle Vague”, do americano Richard Linklater, que brilhou na luta pela Palma de Ouro e Cannes, em maio. De 16 a 30 de outubro, a produção estará no Brasil, na Mostra de São Paulo. Antes, na sexta-feira, ela passa pelo Festival de San Sebastián, no norte da Espanha, inaugurando a mostra Perlak, em disputa por uma láurea de júri popular, tendo “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, como rival.

É hora de plateias espanholas entenderem o tanto de “fofura” que Cannes enxergou num filme associado a um mito das telas que poderia ser classificado como qualquer coisa, menos “fofo”. De nacionalidade suíça, Godard era carne de pescoço... e não só nos sets. “Nouvelle Vague” é o retrato de sua irascibilidade disfarçada de esnobismo, sob litros de erudição acadêmica, mas é também um tratado sobre sua genialidade. Richard Linklater, um artista cultuado, já indicado a estatuetas de Hollywood por sucessos como a trilogia “Antes do Amanhecer” (1995-2013) e por “Boyhood” (2014), construiu sua cinefilia admirando “Acossado”.

Há chances de “Nouvelle Vague” ser o representante oficial da França para o Oscar de Melhor Filme Internacional, em 2026. Ele faz parte de uma lista prévia feita pelo Centro Nacional de Cinema francês, que inclui a animação “Arco”, de Ugo Bienvenu, vencedor do troféu Cristal, no Festival de Annecy; o misto



Assegurado pela Mostra de São Paulo, ‘Nouvelle Vague’ passa será exibido nesta sexta-feira (19) em San Sebastián, na Espanha. Longa recria as filmagens de ‘Acossado’

JLG na Estação Linklater

Divulgação



Richard Linklater assina um filme que pode se firmar como forte concorrente ao Oscar

de drama e thriller político “Un Simple Accident”, que rendeu a Palma de Ouro a Jafar Panahi; e o suspense cômico “Vie Privée”, de Rebecca Zlotowski, com Jodie Foster. O eleito será conhecido nesta sexta.

Linklater nasceu em Houston, no Texas, há 65 anos, e tem no inglês seu idioma de berço, mas o francês é a língua dominante na trama de seu novo longa. O foco de “Nouvelle Vague” é a cena cultural parisiense de 1959. Nesse contexto, o cineasta por trás do “Escola

Rotulado de ‘fofo’ em Cannes, ‘Nouvelle Vague’, sobre Jean-Luc Godard, pode representar a França no Oscar, recriando a filmagem de ‘Acossado’, que passa hoje em cinema de Botafogo

de Rock” (2003) faz um voo de 360° sobre a História do século XX, pelas vias da cultura cinematográfica, para retratar o set de filmagem de “Acossado”. Foi ali que Godard, então crítico de cinema, passou a dirigir, numa transição profissional que abriu precedentes para uma nova forma de editar imagens, usando a Filosofia como eixo para a construção de planos.

Apoiado num requintado visual em PB, assegurado pelo diretor de fotografia David

Chambille, “Nouvelle Vague” ostenta o trabalho de realização mais maduro de Linklater. Ele entrou numa vibe de revisar os feitos de artistas de veia indomável como o compositor Lorenz Hart (1895-1943), personagem central de “Blue Moon”, que lançou na Berlinale, em fevereiro, na briga pelo Urso de Ouro. Agora é a vez de Godard. Um Godard moleque ainda, vivido com ironia por Guillaume Marbeck. JLG era sua alcunha na vida cultural do Velho Mundo. A sigla sugere saber.

Aos 29 anos, JLG era um escriba de temperamento ferino da “Cahiers du Cinéma” (revista criada em 1951 e encarada como Bíblia pela intelectualidade cinemática) quando resolveu rodar seu primeiro longa, para não ficar para trás dos colegas François Truffaut (1932-1984) e Claude Chabrol (1930-2010), interpretados no quindim de Linklater por Adrien Rouyard e Antoine Besson. Os dois, ao lado da belga Agnès Varda (1929-2019), inventaram a tal Nova Onda, o movimento que deu status de modernidade ao cinema francês, ao propor que cada exercício fílmico fosse uma revolução em si, na forma e no conteúdo. A centelha revolucionária de Godard se acende com a ideia de uma história de amor entre uma jovem de classe média metida a jornalista – figura encarnada por Jean Seberg, que, no longa hoje em disputa em Munique, é encarnada por Zoey Deutch – e um malandro com pinta de gangster - Jean-Paul Belmondo, vivido esplendidamente por Aubry Dullin.

A cada nova tomada, Godard enlouquece a equipe, inflama o mítico fotógrafo Raoul Coutard (Matthieu Penchinat) e tira Seberg da zona de conforto.

O Estação NET Botafogo há de viver momentos deliciosamente confortáveis nesta segunda com “Acossado”, batendo cabeça para a mítica de Truffaut, que aparece em “Nouvelle Vague”, vivido por Adrien Rouyard.

Golden Globe



Ganhadora do Globo de Ouro, Fernanda Torres tem sua filmografia revisitada nesta segunda-feira

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Pela primeira vez em sua história de dedicação ao audiovisual, a Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica vai atribuir seu Grand Prix Fipresci de Melhor Filme do Ano a um longa-metragem brasileiro... nosso único ganhador de Oscar... “Ainda Estou Aqui”, cuja estrela, Fernanda Torres, aniversária nesta segunda-feira. A intérprete da ativista e advogada Eunice Paiva (1929-2018) chega esta semana aos 60 anos.

Nesta sexta-feira (19) seu desempenho no oscarizado drama de Walter Salles será projetado no Festival de San Sebastián, no norte da Espanha, na cerimônia em que a instituição de jornalistas e críticos, fundada em 1925, vai conferir sua láurea anual ao diretor carioca, num feito histórico para o país. Antes disso, por aqui, uma festa em homenagem à atriz mobiliza TV e streaming.

Ganhadora do Globo de Ouro por “Ainda Estou aqui”, Fernandinha (como é apelidada) ganha, a partir desta noite, uma maratona com onze longas marcantes de seus mais de 40 anos de carreira no Canal Brasil. O pacote começa às 20h, com “Terra Estrangeira”

Fernanda Torres 60!

Estrela ganhadora do Globo de Ouro por ‘Ainda Estou Aqui’ aniversária nesta segunda com retrospectivas no Canal Brasil e na plataforma Mubi, além de ribalta no Festival de San Sebastián

(1995), e termina nesta terça, às 12h40, com a projeção de “Inocência” (1983), de Walter Lima Jr. Serão exibidas joias raras como “O Primeiro Dia” (1998), que rendeu a Walter e Daniela Thomas uma indicação ao Leopardo de Ouro

de Locarno. O blockbuster “Os Normais: O Filme” (2003), de José Alvarenga Jr., também será exibido, resgatando a figura de Vani, personagem que Torres celebrou na TV, ao lado de Luiz Fernando Guimarães.

Integrante do júri do recém-encerrado Festival de Veneza, responsável por atribuir o Leão de Ouro a Jim Jarmusch por “Father Mother Sister Brother”, Fernanda concorreu ao Oscar neste 2025 cheio de glórias para seu nome no exterior. No Lido, no último dia 6, ao entregar o troféu Copa Volpi de Melhor Ator ao napolitano Toni Servillo, por uma atuação considerada magistral em La Grazia, a brasileira foi bajulada pelo veterano astro italiano:

“Não imaginava ser premiado por uma atriz que me encantou este ano, com um grande filme”, disse Servillo, em referência a “Ainda Estou Aqui”, que pode ser visto no Globoplay, ao mesmo tempo em que outra plataforma digital, a MUBI, comemora seu legado de excelência.

Prestes a rodar “Os Corretores”, do diretor Andrucha Waddington (seu companheiro de vida e de muitos projetos), Fernanda aparece no cardápio do www.mubi.com numa seção batizada de “A Vida Presta”, com quatro longas. O mais cultuado da seleção é “Eu Sei Que Vou Te Amar”, de Arnaldo Jabor (1940-2022), que rendeu a ela o prêmio de Melhor Interpretação Feminina em Cannes, em 1986.

Na trama, um casal que se conheceu na juventude (Fernanda e Thales Pan Chacon) se separa

após dois anos. Três meses depois, decidem se reencontrar e, ao longo de uma longa noite, mergulham em uma conversa profunda sobre amar. Por meio de risos, lágrimas e lembranças, eles revisitam os momentos mais marcantes de sua história. A delicada fotografia de Lauro Escorial dá requinte a esse parlatório.

“Gêmeas”, que rendeu à atriz o troféu Candango no Festival de Brasília de 1999, foi incluído em “A Vida Presta”, mas será relançado em tela grande em outubro, durante o Festival do Rio. Ele é parte de uma fase de filmes nas raízes do noir feitos por Fernanda na segunda metade dos anos 1990, período em que estreou ainda “Traição” (1990), um thriller em episódios já no ar na MUBI. O quarto título convocado por esse streaming, “Saneamento Básico”, o Filme, de Jorge Furtado, foi lançado em 2007, mas reestreou este ano. Nele, Fernanda é a herdeira de uma madeireira no Rio Grande do Sul que decide fazer um vídeo, em família, para conseguir recursos a fim de despoluir sua região.

Logo que foi indicada para o Oscar, Fernanda conversou com o Correio da Manhã sobre a força simbólica da longa de Walter para a população brasileira e sua arte. Além de ganhar o Oscar, a produção vendeu 5,8 milhões de ingressos em sua pátria. Sua narrativa revive a peleja de Eunice atrás da verdade sobre o sumiço do marido, o engenheiro e ex-deputado Rubens Paiva (Selton Mello) nos porões da ditadura:

“Fui só alegria com o roteiro porque fiquei muito impressionada com a capacidade do(s) autor(es) Murilo (Hauser) e Heitor (Lorega) para escolher, naquele livro imenso do Marcelo, um corte que pula 26 anos e depois pula mais dez. É muito difícil. O nosso trabalho foi ajustar a Eunice na passagem da primeira fase para a segunda, para que a segunda tivesse uma razão de existir”, disse Fernanda ao Correio, em janeiro. “Acho que o trecho mais difícil de acertar – que foi para lá, foi para cá, teve mil retornos – foi a segunda parte, ali em São Paulo, onde ela recebe o atestado de óbito do Rubens”.

Banda virtual Gorillaz
lança single 'The Happy Dictator', primeira
faixa do álbum
previsto para 2026

A macacada está de volta

Por Affonso Nunes

O Gorillaz anunciou o lançamento de "The Mountain", seu nono álbum de estúdio previsto para 20 de março de 2026, marcando a estreia do selo próprio Kong. O primeiro single, "The Happy Dictator", acaba de chegar às plataformas digitais. Desenvolvida em parceria com o duo Sparks, a faixa vem com visualizer que antecipa a estética visual do novo trabalho.

Criado em 1998 pelo vocalista do Blur, Damon Albarn, e pelo cartunista Jamie Hewlett, autor da HQ "Tank Girl", o Gorillaz surgiu como uma crítica à superficialidade da cultura pop mainstream. A dupla desenvolveu uma banda virtual composta pelos personagens animados 2-D (vocalista), Murdoc Niccals (baixista), Noodle (guitarrista) e Russel Hobbs (baterista), cada um com his-



Divulgação

tórias fictícias detalhadas que evoluem através dos álbuns e videoclipes. Este conceito permitiu a Albarn explorar diversos gêneros musicais e colaborar com uma ampla gama de artistas sem as limitações de uma formação tradicional.

"The Mountain" é uma continuidade natural dessa filosofia colaborativa, reunindo 15 faixas com participações de artistas como Bizzarrap, Black Thought, Johnny Marr, Omar Souleyman, Trueno e Yasiin Bey, além de homenagear colaboradores falecidos como Bobby Womack, Dennis Hopper e Tony Allen. O álbum foi gravado em locais diversos, desde Londres e Devon (Inglaterra) até Mumbai, Nova Délhi, Rajastão, e Varanasi (Índia), Ashgabat (Turcomenistão), Damasco (Síria), Los Angeles, Miami e Nova York (EUA), incorporando cinco idiomas: árabe, inglês, hindi, espanhol e iorubá.

A arte visual de Hewlett (imagem ao lado) retrata os quatro personagens durante sua "estadia" na Índia, disponível em formato de livro e coleção de impressões. O London Evening Standard destacou que "um quarto de século depois, Albarn e Hewlett ainda estão muito à frente de todos", reconhecendo a capacidade da banda de manter-se relevante e inovadora.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Bebeto repaginado

"A Beleza é Você Menina", samba-rock clássico composto por Bebeto, chega às plataformas digitais via Universal Music Brasil em nova versão. Os produtores Xinobi, J.Kordel e Awka transformaram a canção romântica que marcou bailes e rádios, fundindo a gravação original com elementos de house music 4/4. O remix incorpora elementos de soul, funk e rock, criando uma levada melódica com ênfase no grave. A homenagem ao autor original repagina o hit para nova geração de ouvintes.

Divulgação



De novo no bailão

Anitta lança "Parado No Bailão (Mundial)" com o mexicano Neton Vega, MC L da Vinte e MC Gury. A nova versão reimagina o hit viral que acumula 500 milhões de streams no Spotify e 2 milhões de criações no TikTok. Popularizada por Neymar em comemorações de gols, a faixa agora mistura funk brasileiro com reggaeton, conectando culturas com a proposta de ser adotada nas pistas de dança. Os vocais de Anitta e o toque mexicano de Vega trazem uma nova energia à faixa, enquanto MC L da Vinte e MC Gury permanecem fiéis ao seu estilo.



Divulgação

Fase dance-pop

Demi Lovato lança nas plataformas digitais "Here All Night", single que marca nova fase dance-pop da artista indicada ao Grammy. Produzida por Zhone (que acumula colaborações com Kylie Minogue, Troye Sivan), a faixa combina vocais vibrantes com batidas pulsantes, criando uma clima de euforia. O videoclipe, dirigido por Hannah Lux Davis ("Cool for the Summer"), mostra a cantora presa em apartamento até encontrar liberdade. A colaboração promete definir nova era musical da cantora focada em atmosferas dançantes.



Divulgação

ENTREVISTA / CISKO DIZ, QUADRINISTA, DESIGNER E STORYBOARDER

'Os quadrinhos me deram um lugar para sonhar'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Stan Lee da Baixada Fluminense, o designer gráfico Marcos Francisco Cadena Diz, aka Cisko Diz, encontrou um espaço nobre de expressão artística no audiovisual brasileiro: firmou-se como grife na criação de storyboards para séries e filmes. Tem um currículo invejável nos bastidores de produções que festejam a diversidade do país, na telona, na TV e no streaming.

É nesse terreno sociológico da celebração de um país diverso, pelas vias da representação da vida na periferia, que esse morador da Vila Zulmira, em São João De Meriti, lança a primeira investida nos quadrinhos (uma das paixões de sua vida) em sua carreira. Ele acaba de publicar "Y-2.1 - Duas Cabeças Nem Sempre Pensam Melhor Que Uma". O álbum faz parte de uma trilogia de HQs "jornalísticas". Ele assina a arte e o texto e, agora, cuida da comercialização:

"A revista mais um mini pôster e um marcador de página saem por R\$ 50,00. A pessoa entra em contato comigo via direct no instagram: @cisko_diz. Eu passo a chave Pix, a pessoa faz o depósito, manda o comprovante com nome e endereço completo e eu envio para ela, com uma dedicatória", diz o artesão do desenho, de 57 anos, que se formou em Design em 1992. "Eu não vi o Dilúvio, mas pisei na lama dele, com certeza".

Cisko chegou chegando numa ala do mercado editorial dominada pelos super-heróis da Panini e por mangás com um álbum sobre estratégias de sobrevivência numa metrópole feroz. No papo a seguir, ele cartografa seu Brasil pancadão.

O que os quadrinhos te trouxeram de mais valioso em sua formação e de que maneira o seu investimento atual nas HQs



Divulgação

potencializa a relevância dessa mídia para abrir caminhos de novas gerações de público leitor?

Cisko Diz - A história em quadrinhos é uma mídia muito poderosa. É um lugar onde podemos fazer qualquer coisa e que nem sempre pode ser reproduzida em outra mídia! É isso o que eu gostaria de mostrar com o meu trabalho. Eu tenho ambição de fazer algo que só nessa mídia seja possível de se realizar e ambiciono que as pessoas se divirtam muito com minha criação e vivam uma experiência única e crível com ela. Nasci, cresci e vivo na Baixada Fluminense, em São João De Meriti. Leio quadrinhos desde que me entendo por gente. Minha mãe vinha da padaria cedo

com o pão, leite e uma revistinha pra mim. Primeiramente vinham Os Sobrinhos Do Capitão, Brasinha, Turma Da Mônica e Disney. Depois, veio a fase Marvel e DC, até que conheci "Los 3 Amigos", com Angeli, Laerte e Glauco. Na sequência, apareceram Marcati e Lourenço Mutarelli. Moebius tem também lugar especial. Foi assim até que desbunde com a saudosa revista "Animal - Feia, Forte E Formal" com quadrinistas como Oswaldo Pavanelli, Macarrão, Vuillemin. Os quadrinhos me deram um lugar para sonhar e criar sem limites. Tudo o que fiz e faço até hoje tem inevitavelmente influência das histórias em quadrinhos. Tudo. Flertei muito com a possibilidade de fazer uma HQ original por

toda uma vida, mas não me achava capaz. Numa vida atribulada, "trocando pneu com o carro andando", vivia à espera de um tempo para "sentar a bunda" e fazer minha HQ perfeita. Nessa, o tempo foi passando. Chegou uma hora que vi: ou fazia ou eu fazia! Logo, eu me muni de raiva e dei meu jeito.

Qual é a periferia que inspira o teu "Y-2.1" e de que forma esse personagem encarna a cultura que te formou?

Eu sou periférico. Nessa minha primeira obra autoral em quadrinhos, busquei a zona de conforto: a minha Baixada Fluminense. Esses personagens são a soma de pessoas que conheci, que conheço.

Você trabalha em cinema também, como autor de storyboard. Como se articulam o desenho de quadrinhos e o cinema na sua rotina e de que filmes você participou?

No audiovisual, eu atuo como desenhista de conceito, design gráfico e storyboarder. O desenho está intrinsecamente ligado ao meu trabalho. Trabalho com ilustração há muitos anos. Quanto aos trabalhos no cinema, tenho feito muitas coisas. Entre os meus xodós estão os storyboards da série "Mandrake" (meu trabalho primeiro como storyboarder); a série "Santos Dumont" da HBO, na qual fui incumbido de fazer todos os cadernos desenhos do Patrono da Aviação, como se fossem os esboços dele, incluindo seus desenhos de criança). Temos ainda "Última Parada 174"; "DPA" partes 2 e 4; "O Auto da Compadecida 2"; "Carga Máxima"; e o recém-lançado "O Rei da Feira". Recentemente trabalhei em "Geni e o Zepelim" e "Toda Nudez Será Castigada". No momento, estou trabalhando em uma série, na Conspiração Filmes. Em todas estas obras fiz desenhos de conceito (concept artist) e design gráfico.

Qual foi o seu primeiro desenho como profissional? Algum projeto novo de HQ à vista?

O primeiro desenho não lembro... foi no século passado. Nos quadrinhos, "Y-2.1" é minha primeira publicação, mas agora fui picado. Estou trabalhando em dois roteiros. Quero ver se eu publico mais um ainda esse ano e outro no ano que vem. Estou trabalhando no roteiro de outro "quadrinho reportagem", mas dessa vez não será no mundo da música. Será uma investigação de assassinatos envolvendo um serial killer, numa releitura de um clássico dos contos infantis.

Me dê motivos

Com a dádiva de Oxalá, a sagração de Bragi, Apolo, Calíope, Érato, Euterpe, Polímnia e Terpsícore. Com as bênçãos de Homero, Camões, Shakespeare, Pessoa e Neruda. Com a benção de São João da Cruz, peço licença poética para dar uns pitacos nessa tal de sutil metáfora subliminar. O que será que me dá, em todos os sentidos, o que não faz sentido. Será que o meu chamego quer me judiar?

Já repararam que muitas poesias musicadas não fazem sentido? Bradarão os eloquentes puristas da Flor de Lácio: “Mas é licença poética!”. Para ela tudo vale, é como se fosse assim uma casa da avó Joana ou Maria, não importa. Lá tudo pode, para, na segunda-feira, após o fim de semana de traquinagens e traquinices, os pais arrancarem os cabelos ao ouvirem a sublime frase: “Eu quero voltar para casa da vó; lá eu posso tudo! Quase uma ode do síndico no ‘vale tudo’ da vida, sem violência, é claro!”.

Com licença, mas, na partitura, eu pergunto e questiono: pode haver erro de concordância? Pode! Pode confundir ‘lé’ com ‘cré’ e ter um sapato em cada pé? Pode! Pode viagem imaginária no país do Baurets? Pode! Pode Raulzito, Caetanear e Djavanear? Esses tudo podem! Valem o que vier e quiserem, valem cada estrofe, cada verso de sutilezas.

Caetaneando fui à Sampa e me encarei frente a frente, sem ver rostos. Mas dá para encarar lado a lado, tipo ombro a ombro? Ah, Narciso acha feio o que não é espelho. Então dá! Djavaneando descobri que “...Zum de besouro um ímã / Branca é a tez da manhã...”. Os besouros costumam ser perseguidores, fazendo zum-zum na testa como as abelhas rainhas. Só discordo da ‘branca tez da manhã’; nunca a vi branca e olha que de alvorada eu entendo um pouquinho, quase nada, mais que nada, sai da minha frente que eu quero passar.

Controlando a minha ‘maluquez’, bebi na fonte de Rauzito: “...Aprendi o segredo, o segredo / O segredo da vida / Vendo as pedras que choram sozinhas / No mesmo lugar...”. As pedras choram solitárias porque não conversam com as rosas. Também pudera; as rosas não falam, não é mesmo Mestre Cartola? Bilac responderia: “Ora, direis, ouvir estrelas, certo / Perdeste o senso, e eu vos direi, no entanto / Que, para ouvi-las, muita vez desperto / E abro as janelas, pálido de espanto...”. As rosas falam, as pedras falam e as estrelas, em toda Via Láctea, sussurram palavras de amor, enquanto se procuram mesmo estando a capa pendurada. A mais incrível metamorfose, seja ela ambulante ou errática. Metal, sopro do dragão tatuado no braço, porque na minha terra tem Lua e estrelas no anel. (continua...)

